



Ryon Braga\*

# Redes sociais na educação

Uma inovação que começou em universidades da Europa e hoje se espalha por todo o mundo é o uso das redes sociais na educação. De forma complementar, muitos estudantes já as utilizam; porém, como ferramenta de uso diário, em sala de aula, ainda é uma novidade no Brasil.

Antes de explicar melhor o uso das redes sociais, é preciso lembrar a tendência quanto ao uso da tecnologia em sala de aula. Não se pode conceber o computador

(desktop, notebook, netbook ou iPad) como ferramenta a ser usada no laboratório de informática, em aulas específicas. O computador é o lápis de ontem, precisa acompanhar o aluno todos os dias, o tempo todo.

Em algumas universidades europeias, os alunos, todos com computador em sala, são incentivados pelo professor a acessar redes sociais acadêmicas durante a aula, a fim de ampliar a discussão que acontece em sala e colher opiniões e informações diversas.

© studiotvespa / Photoexpress

As redes sociais acadêmicas são formadas por comunidades com interesses específicos em determinadas áreas do saber. Em um curso de administração, por exemplo, encontramos comunidades de marketing, de finanças, de estratégias, de gestão de pessoas, de liderança, entre outras.

A construção do conhecimento é liderada pelo professor em sala de aula, mas ampliada pelas inúmeras trocas de informações e experiências entre as pessoas conectadas em rede. Em alguns lugares, além das redes sociais, os alunos utilizam também a Wikipédia e os sites de busca em plena aula.

O computador é o lápis de ontem,  
precisa acompanhar o aluno todos os  
dias, o tempo todo.

Já ultrapassamos o modelo de aula expositiva, em que o professor explica e o aluno presta atenção e toma nota, quando muito interrompe o professor para tirar alguma dúvida, e chegamos a um modelo participativo, em que o professor propõe as questões a serem discutidas e, coletivamente, constroem-se as respostas, com o auxílio da web e de centenas de outras pessoas de qualquer lugar do mundo, conectadas através das redes sociais.

Já existem vários relatos de casos em que alunos conectados na internet, em aula, fazem contato com o autor da teoria que está sendo explicada pelo professor; com o dirigente da empresa que está sendo usada na ilustração de um caso; com um especialista de referência no tema específico que está sendo discutido; com

pessoas que já viveram a situação descrita em aula; entre muitos outros exemplos que atestam a riqueza da interação proporcionada pelas redes sociais e a comunicação online.

Na contramão da evolução do ensino, há muitas escolas e universidades no Brasil que ainda proibem o aluno de usar notebook em sala e de se conectarem à internet durante as aulas. São verdadeiros dinossauros da educação, que ainda vivem o antigo modelo de ensino baseado na retransmissão de informações de “segunda mão”.

Ensino participativo e construção coletiva do conhecimento começam a ganhar corpo no mundo educacional, aproximando o universo do conhecimento do modelo de ser e de viver da Geração Y.

A velocidade com que a tecnologia instrumentaliza o saber e nos oferece condições de otimização do processo de ensino e aprendizagem, obviamente, está sendo muito maior do que a velocidade com que conseguimos adequar nossos modelos, metodologias, didáticas, *modus operandi* e até mesmo paradigmas.

Não consigo me conformar com a ideia de que é preciso esperar uma geração inteira para que as coisas possam ser diferentes. Será que sempre seremos “atropelados” pelos avanços tecnológicos e as mudanças a que eles nos impelem? Ou podemos fazer diferente? Podemos acompanhar a tecnologia e tirar partido dela, em função de algo muito maior do que ela: nosso aprendizado e nossa evolução. ■

\*Presidente da Hoper Educação e consultor editorial da *Linha Direta*

[www.hoper.com.br](http://www.hoper.com.br)